



Mesa Redonda (Terça - 20/05/2014 - Tarde)

Tema: Engenharia de Produção sem Fronteiras: demandas internas e externas por profissionais capacitados

Coordenador: Milton Vieira Junior

Relator: Rui Francisco Martins Marçal

Palestrantes:

- Henrique Luiz Correa - (Rollins - EUA);
- Nival Nunes de Almeida - (presidente da ABENGE);
- Jorge Roberto Silveira - (CREA/SE).

RELATO

Abertura dos trabalhos:

O professor Henrique Correa apresentou-se e iniciou sua fala abordando a metodologia usada na Engenharia de Produção - EP dizendo que alguns assuntos tratados na EP são também tratados na Administração - ADM. Disse que isto é comum, também nos EUA, onde ministra aulas em uma Business School há anos. Comentou que os cursos de engenharia nos EUA tem duração, em geral, de 4 (quatro) anos. Ressaltou que atualmente muitos bancos estão repletos de engenheiros de produção, citando como exemplo do Brasil o Banco Itaú. Ressaltou que o tema desta edição do ENEGEP (Engenharia de Produção Sem Fronteiras: demandas internas e externas por profissionais capacitados) é muito contemporâneo. Fez em seguida um retrospecto do sistema de produção, enfocando Henry Ford, que em 1923 com 2 fábricas produziu 2000000 unidades do Ford 1923 em 1 ano, caracterizando a produção em massa.

Fez as seguintes colocações:

- i. Quanto mais o país se desenvolve mais aprimora a prestação de serviços;
- ii. Indústrias aéreas e farmacêuticas dependem da gestão de estoques para poderem “operar”;
- iii. O usuário final não precisa do produto e sim do que ele proporciona;
- iv. Faz mais sentido a manutenção de um estoque centralizado do que cada empresa cuidar do seu;



- v. Deveria ser a atividade fim a empresa aérea se preocupar com a rota mais adequada do que manter o avião;
- vi. Contratos bem elaborados permitirão uma relação mais rendosa;
- vii. A empresa em vez de vender a broca deve vender o furo;
- viii. A gestão de operação deve considerar o produto e os serviços;
- ix. A gestão de operações teve que cruzar outras fronteiras, as fronteiras funcionais;
- x. Algumas facilidades, tais como o custo do transporte e a comunicação encurtaram as distâncias e derrubaram as barreiras;
- xi. Tem-se que trabalhar com fornecedores que não constam na folha de pagamento da empresa, porém exigem parcerias;
- xii. Inicialmente tem-se que cruzar fronteiras entre empresas, depois entre empresas nacionais e, atualmente, fronteiras internacionais;
- xiii. A decisão de onde localizar a gestão deve levar em consideração fatores, tais como as taxas que podem sobrepor distâncias e transporte.

Questões como estas os alunos de EP e futuros profissionais de engenharia de produção vão ter que incorporar ou aprimorar/manter:

- i. O estado da arte em administração de cadeias de suprimento e produção
- ii. O pensamento sistemático;
- iii. Línguas estrangeiras (quanto mais melhor e quanto mais fluência melhor);
- iv. Entendimento sobre diferenças culturais, etiqueta de negócios, comportamentos em geral;
- v. Entendimentos sobre desafios e oportunidades globais (logísticas, vantagens competitivas, legislações e tributações);
- vi. Disponibilidade e disposição para aceitar e lidar com diferentes culturas, hábitos, leis, etc. e para mudar-se.

Ações que contribuirão para a formação:

- i. Atuação local é essencial;
- ii. Buscar o entendimento sobre questões globais;
- iii. Candidatar-se para intercâmbio de estudantes (Ciência sem Fronteiras);
- iv. Inteirar-se de casos transnacionais;
- v. Habituar-se como o uso da tecnologia (skype) com o objetivo de interação com grupos multinacionais;



- vi. Envolver-se com competições internacionais;
- vii. Buscar visitas e programas internacionais;
- viii. Candidatar-se para consultorias internacionais;
- ix. Cruzar fronteiras da sala de aula.

O presidente da ABENGE, Nival Nunes de Almeida iniciou sua participação trazendo alguns questionamentos para a reflexão:

- i. Quantos engenheiros são formados?
- ii. Qual o índice ideal de engenheiros por habitante?
- iii. É possível fazer uma comparação dos engenheiros com outras áreas?
- iv. Qual é o déficit por região?
- v. Qual o número de matriculados nas universidades?
- vi. Faltam profissionais experientes?
- vii. Qual a relação qualidade versus quantidade?

Atualmente as empresas contratam nossos formandos, mas os enquadram com outras denominações. Tem-se que ficar atento às demandas nacionais.

Como considerações abordou sobre:

- i. O cenário econômico atual e futuro;
- ii. As demandas sociais;
- iii. As políticas públicas;
- iv. As IES e seus egressos;
- v. As novas áreas de atuação da Engenharia de Produção, como bancos, negócios, vendas, etc., o que amplia a sua atuação.

Seguiram-se os debates e participação dos participantes:

- i. Professor Milton Vieira Júnior, presidente da ABEPRO, defendendo a internacionalização dos currículos;
- ii. Professor Henrique Correa, expondo que segundo a sua percepção a internacionalização dos currículos se deu em função da globalização. Citou o exemplo da Unilever, onde atuam muitos engenheiros brasileiros;
- iii. Professor Nival Nunes de Almeida, falou da sua experiência com alunos portugueses e franceses na Engenharia Elétrica, que se mostram habilidosos, interessados e demonstram boa base em cálculos;



- iv. Sérgio Mancini do SENAC/SP citou que a demanda por engenheiros de produção, atualmente, é grande na produção de serviços. Perguntou qual a proposta para resolver esta deficiência;
- v. O professor Henrique Correa respondeu que, na sua opinião, a saída é ir para a literatura internacional, pois a nacional não se preocupa com a entrega do serviço e fica no campo da prescrição básica teórica.

Este é um breve relato das apresentações e tratativas, que serão complementadas com as apresentações dos palestrantes disponibilizadas no site da associação.